

PREDICADO: REPRESENTAÇÃO NO PORTUGUÊS E NA LÍNGUA INDÍGENA WAYORO

Micheli Tavares dos SANTOS

(Universidade Federal do Pará)

Antônia Fernanda de Souza NOGUEIRA

(Universidade Federal do Pará)

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo geral contribuir com os esforços de descrição da língua indígena Wayoro. Os resultados poderão auxiliar, por exemplo, na construção de materiais didáticos para a referida língua. Nossa objeto central de investigação é o predicado da língua Wayoro, com especial atenção para o predicado verbal. Inicialmente, abordaremos a questão referente à situação das línguas indígenas brasileiras. Em seguida, contextualizaremos como se encontra atualmente a língua indígena Wayoro em número populacional e em número de falantes. Dando início ao estudo do predicado, buscaremos conceitos sobre predicado na definição de alguns autores. Apresentaremos, inicialmente, o predicado na língua portuguesa. Em seguida, descreveremos o predicado verbal Wayoro, com base em dados coletados em trabalho de campo.

PALAVRAS-CHAVE: Predicado. Português. Wayoro.

1. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

É preciso que haja o respeito entre as culturas. Isso se dá primeiramente a partir do momento em que passamos a reconhecer que o diferente existe e que uma forma de respeito é a busca pelo conhecimento do novo. Neste trabalho, apresentaremos o predicado na língua portuguesa e da língua indígena Wayoro, buscando mostrar semelhanças e diferenças entre eles. Pretende-se, de modo geral, divulgar as pesquisas de uma língua indígena para ampliar o conhecimento da grande diversidade cultural a qual pertencemos.

2. SOBRE AS LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS

Embora extremamente ameaçadas de desaparecimento, pode-se dizer que ainda é grande a diversidade de línguas brasileiras (cerca de 150 línguas indígenas)¹. O desaparecimento de qualquer uma delas é uma perda irreversível. Trata-se de uma perda irreparável tanto para a comunidade indígena quanto não indígena, uma vez que se esvaem informações sobre o leque

¹ Os números variam nas publicações devido, provavelmente, aos critérios adotados para a definição do que seja uma língua. Conforme Moore (2008, p. 38), pelo critério da inteligibilidade mútua, o número de línguas indígenas brasileiras dificilmente ultrapassa 150. Contudo, a quantidade de cerca de 180 línguas tem sido citada em muitas publicações. De acordo com o IBGE são 274 línguas.

das possibilidades linguísticas humanas, tanto em termos de estrutura de línguas (diferenças fonéticas, fonológicas, morfológicas, sintáticas, etc.) como em termos de comportamento comunicativo ou de expressão e criatividade poética. Moore afirma que:

Enquanto todas as línguas indígenas estão em risco de extinção, é útil, com base em levantamentos, chamar atenção para os casos de línguas que correm risco de desaparecimento no futuro próximo e que não têm um número razoável de falantes em outro país. (MOORE, 2008, p.38)

Muitos linguistas que se dedicam ao estudo dessas línguas testemunham processos mais ou menos notáveis de perda linguística. Muitos são os fatores que contribuem para que essa perda vá se propagando. Para os povos indígenas as consequências da perda linguística são mais sérias e complexas por ser uma minoria de falantes, dentro do território brasileiro, e também devido ao fato de que as crianças, em muitos casos, perdem ou nem mesmo chegam a usar sua língua de origem. Sabe-se que o principal fator que pode determinar o futuro de uma língua é a sua transmissão de geração a geração. Também vale ressaltar que econômica e politicamente uma grande maioria desses povos está completamente afastada de qualquer instância de poder, o que dificulta o fortalecimento político, socioeconômico e cultural destes povos.

Sabe-se que a população indígena atual é bem inferior à que existia no passado. Até o momento da colonização, estima-se que o número aproximado era de 1.200 línguas (RODRIGUES, 1993 apud SEKI, 2000, p. 238). Documentar para preservar não é uma tarefa nada fácil e o desaparecimento dessas línguas seria uma grande perda para essas comunidades nativas, visto que são os meios de transmissão da cultura e pensamento tradicionais e uma parte importante da identidade étnica de toda uma geração.

Podemos dizer que diversidade linguística e diversidade cultural certamente andam juntas e isso torna a perda de uma língua ainda mais preocupante para uma sociedade.

Segundo Moore (2008, p. 40), o grau de conhecimento científico das línguas indígenas no Brasil, considerando somente línguas que provavelmente têm falantes, é aproximadamente o seguinte:

- 13% possuem uma descrição completa
- 38% possuem uma descrição avançada
- 29% possuem uma descrição ainda incipiente
- 19% possuem pouca ou nenhuma descrição científica significativa

Uma das maneiras de se descrever uma língua é elaborar uma gramática da mesma. Em seu trabalho, Moore (2008, p. 41) destaca que em casos em que há um número razoável de falantes da língua e vontade de transmitir o idioma às crianças foram criadas várias metodologias de

revitalização para a manutenção dessa língua. Algumas das metodologias utilizadas mundialmente são:

- *Ninho de Linguagem*: crianças pequenas (que aprendem línguas sem esforço) passam tempo com os avós, que falam somente a língua materna.
- *Mestre e Aprendiz*: um falante assume a responsabilidade de ensinar a língua a um jovem.
- *Imersão*: durante certo período, a comunidade ou uma parte da comunidade, fala somente a língua nativa, e os não falantes têm de adquirir um mínimo da língua para se comunicar.
- *Alfabetização na Língua Materna*: materiais escritos na língua geralmente aumentam o prestígio da mesma e chamam a atenção da geração mais jovem.

- *Gravações de Documentação*: música, narrativas tradicionais e outros materiais podem ser gravados e devolvidos à comunidade para familiarizar os ouvintes, especialmente os jovens, com a língua e com as tradições. Eis aqui a grande importância do pesquisador para a revitalização não só da língua, mas da própria cultura de um povo.

A maioria dos linguistas que trabalha no Brasil com línguas indígenas não empreende somente uma linguística teórica e descritiva, faz muito mais que pesquisas de campo, o trabalho de documentação deve estar sempre presente. Mas falta, muitas vezes, uma infraestrutura mínima, laboratórios, equipamentos e, por último, mas não menos importante, os fundos necessários para realizar trabalho de campo.

Por outro lado, podemos reconhecer que, apesar das muitas dificuldades encontradas, vários povos indígenas já percebem o perigo que suas línguas enfrentam e estão, consequentemente, interessados em revitalizá-las. Nesse tipo de situação, os índios procuram interagir com linguistas capazes de dedicar-se à documentação de suas línguas. Franchetto (2004, p. 15) afirma que “são todas línguas minoritárias e dominadas e a maioria é falada por grupos bem pequenos” o que faz com que os falantes nativos ajudem na luta (por mínima que seja) para restauração e manutenção de sua língua nativa.

2.2 A língua indígena Wayoro: informações básicas

Segundo Nogueira (2011), a maioria do povo Wajuru está localizada na Terra indígena Rio Guaporé (município de Guajará-Mirim, Estado de Rondônia, Brasil) e em Rolim de Moura do Guaporé (Município de Alta Floresta d’Oeste, também em Rondônia). A população Wajuru soma cerca de 240 pessoas (ISA, 2013). Em relação aos falantes desta língua, Nogueira (2011) informa que a mesma não mais é falada diariamente, apenas 05 pessoas idosas dominam

completamente a língua (falantes nativos) e não há criança ou adolescente que tenha apreendido a língua recentemente.

A língua Wayoro foi classificada como pertencente ao tronco linguístico Tupi e à família Tuparí. Entre os nativos mais velhos, são comuns aqueles que falam mais de uma língua indígena. Alguns adultos são semifalantes falantes da língua Wayoro, ou seja, não dominam a língua completamente.

3. SOBRE O PREDICADO: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Na filosofia os predicados são argumentos que representam as justificativas. A palavra ‘predicado’ vem do latim *praedicatum*, (neutro de *praedicatus*, -a, -um, participípio passado de *praedico*, -are) que significa ‘o que se diz do tema’ (HOUAISS, 2009). Dentro da gramática normativa o predicado é classificado como termo essencial da oração. Neste tópico, serão abordados alguns dos conceitos de predicado.

Segundo Neves (2011, p. 10), todas as palavras que constituem o léxico da língua podem ser analisadas dentro da predicação. Para Neves os predicados são semanticamente interpretados como designadores de propriedades ou relações, e suas categorias são distinguidas segundo suas propriedades formais e funcionais, por isso a importância de estudos para identificar e determinar a posição dos predicados e tais funções na estrutura da frase e o seu papel na interpretação dos enunciados.

Neves (2011) afirma:

O predicado – que designa propriedades ou relações – se aplica a um certo número de termos que se refere a entidades, produzindo uma predicação que designa um estado de coisas, ou seja, uma codificação linguística que o falante faz da situação. (NEVES, 2011, p. 13)

Atribui uma característica, uma propriedade, um estado ao sujeito e dá informações sobre ele.

No dicionário de linguística de Crystal (2008, p. 381, tradução nossa), temos o predicado definido como:

um termo na análise de funções gramaticais para se referir a um constituinte maior da estrutura da sentença, tradicionalmente associado com uma análise de duas partes em que todos os constituintes obrigatórios que não são sujeito são considerados juntos. Por exemplo, *Sue andou/ Sue chutou a bola/ Sue veio no final de semana* ... serão todas [construções] vistas como [constituídas de] Sujeito (*Sue*) + Predicado.

Crystal lembra que tal concepção de predicado tem forte ligação com a análise filosófica de proposições.

Para a gramática gerativa predicado é qualquer elemento que requer ou exige outro elemento (ou argumentos). Assim, neste modelo, não apenas verbos, mas também nomes (por exemplo, *destruição*), adjetivos (por exemplo, *agradável*) e preposições (por exemplo, *sobre*) poderão ser considerados predicados (NEGRÃO; SCHER; VIOOTTI, 2008).

Em português, o predicado é sintaticamente o segmento linguístico que estabelece concordância com outro termo essencial da oração – o sujeito – sendo este o termo determinante (ou principal) e o predicado o termo determinado (ou subordinado). Quando for um caso de oração sem sujeito o predicado fica na terceira pessoa do singular. O núcleo do predicado pode ser: um verbo significativo (ou nocional), um nome ou ambos.

Perini (2006, p. 118) ressalta que, além da concordância, em português, é necessário atentar para a ordem básica dos elementos dentro da sentença (Sujeito-verbo-objeto). O autor lembra que, em uma sentença como, *O gato arranhou Toninho*,

a relação de concordância não é clara, porque *arranhou* pode, por sua forma, estar concordando tanto com *o gato* quanto com *o Toninho*. [...] Logo, a concordância não pode ser a única indicação da função de sujeito: temos que levar em conta a ordem dos sintagmas em relação ao verbo, pelo menos em alguns casos.

Não se trata, portanto, de definir o predicado como “aquilo que se diz do sujeito” como fazem certas gramáticas da língua portuguesa, ou ainda, “em uma oração o predicado é tudo que sobra, tirando o sujeito” (MAROTE, 1995, p.150), mas sim de estabelecer a importância do fenômeno da concordância e da ordem dos constituintes entre esses dois termos essenciais da oração.

Dik (1997) define predicado como elemento com função de especificar uma organização semântica e formal de argumento(s) e de expressar propriedade de entidade(s)-participante(s) ou relação entre estas.

4- O PREDICADO NA LÍNGUA PORTUGUESA

Conforme Cunha e Cintra (2008), o predicado em português é subdividido em: predicado nominal, predicado verbal e predicado verbo-nominal.

No *predicado nominal*, o núcleo do predicado é um *nome*, o qual exerce a função de predicativo do sujeito que é um termo que dá significado, atributo, característica ao sujeito ou, ainda, exprime seu estado ou modo de ser. O predicativo é conectado ao sujeito sempre através de um verbo de ligação. Cunha e Cintra enfatizam que os verbos de ligação servem para estabelecer a

união entre duas palavras ou expressões de caráter nominal, mas não trazem propriamente ideia nova ao sujeito.

(1) Eu **sou** a tua sombra (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 146)

Na frase acima, o verbo *ser* está representando um estado de permanência. Segundo Cunha e Cintra (2008, p. 146-147), o verbo de ligação no predicado nominal pode expressar: estado permanente, transitório, mudança de estado, continuidade de estado e aparência de estado.

O *predicado verbal* possui obrigatoriamente um verbo, o qual é o núcleo do predicado, no entanto para ser núcleo do predicado este verbo precisa ser nocional (também denominado significativo), ou seja, precisa acrescentar uma ideia nova ao sujeito, requerendo ou não um complemento diretamente ou indiretamente.

(2) Se nada for feito, algumas línguas desaparecerão.

Sobe a névoa... A sombra **desce**... (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 149)

Para Cunha e Cintra na referida sentença a ação não vai além do verbo, não necessitando de um complemento para o entendimento total da sentença. Nesse caso, o verbo é intransitivo.

(3) Eu estudo uma língua indígena.

No exemplo acima a forma verbal *estudo* necessita de certos termos para que possa apresentar o significado pretendido. Nesse caso, o verbo é denominado transitivo.

O *predicado verbo-nominal* possui dois núcleos: um verbo que evidencia ação e um predicativo que pode se referir tanto ao nome quanto ao verbo. Segundo Cunha e Cintra (2008), o predicado verbo-nominal pode estar caracterizando o sujeito com o predicativo do sujeito ou ainda o objeto com o predicativo do objeto.

(4) Chamei-o de ladrão.

No exemplo acima, o predicativo do objeto direto é *de ladrão*.

(5) Paulo riu desocupado. (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 151)

No dado acima, o verbo significativo *rir* e o termo *despreocupado* que se refere ao sujeito *Paulo* são os núcleos. Para Cunha e Cintra, a este predicado misto, que possui dois núcleos significativos (um verbo e um predicativo), dá-se o nome de predicado verbo-nominal.

5. O PREDICADO VERBAL WAYORO

5.1 Prefixos pessoais e pronomes

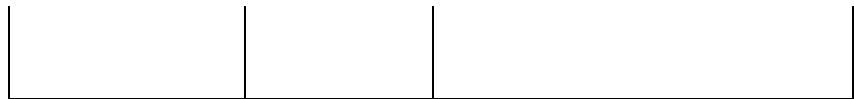
A distribuição dos morfemas pessoais nas sentenças principais da língua Wayoro estabelece um padrão ergativo-absolutivo. A série de prefixos pessoais funciona como sujeito do verbo intransitivo (argumento S) e objeto do verbo transitivo (argumento O) – caso absolutivo, enquanto pronomes realizam o sujeito do verbo transitivo (argumento A) – caso ergativo.

Tabela 1: Prefixos pessoais (Absolutivo)

PREFIXOS PESSOAIS (ABSOLUTIVO)		
	Singular	Plural
1 ^a pessoa	<i>m-</i> ~ <i>o-</i> ~ <i>mb-</i>	<i>txi-~tx-</i> (inclusiva)
		<i>ote-~ota-</i> (exclusiva)
2 ^a pessoa	<i>e-~a-</i>	<i>djat-</i>
3 ^a pessoa	<i>te-</i>	<i>te-</i> (sujeito de verbo intransitivo)
	<i>y-~dj- ~ ndeke-</i>	<i>y-~dj- ~ ndeat-</i> (objeto)

Tabela 2: Pronomes pessoais

PRONOMES PESSOAIS (ERGATIVO)		
	Singular	Plural
1 ^a pessoa	<i>on</i>	<i>txire</i> (inclusiva)
		<i>ote</i> (exclusiva)
2 ^a pessoa	<i>en</i>	<i>djat</i>
3 ^a pessoa	<i>ndeke</i>	<i>ndeat</i>



5.2 Verbos intransitivos

Segundo Dixon (1994 apud NOGUEIRA, 2011, p. 89), uma sentença intransitiva tem um verbo e um único argumento obrigatório. Em Wayoro, este argumento é realizado obrigatoriamente pelos prefixos pessoais absolutivos. A ausência desses prefixos ou a presença de sintagma nominal objeto na posição pré-verbal resultam em agramaticalidade.

(6) Verbo intransitivo *terá* ‘ir’: ausência de prefixo absolutivo é agramatical

- a. **o-terá-t** **õn**
1s-ir-pass 1s
“eu fui”
- b. ***terá-t** **õn**
ir-pass 1s

Observe no exemplo acima que os verbos intransitivos em Wayoro exigem um prefixo pessoal, o qual é o sujeito do verbo intransitivo.

5.3 Verbos transitivos

Ainda de acordo com Dixon (1994 apud NOGUEIRA, 2011, p. 91), os verbos transitivos nas sentenças apresentam um verbo e dois argumentos obrigatórios. Se pronominais, o objeto direto será realizado pelos prefixos pessoais absolutivos e o sujeito do verbo transitivo será realizado pelos pronomes. Em Wayoro, o argumento objeto direto aparece imediatamente antes do verbo, ou seja, ocorre a ordem Objeto-Verbo na língua. A inserção de uma posposição marcadora de objeto indireto entre o verbo e o objeto direto torna a sentença agramatical. Compare, como exemplo, os dados a seguir.

(7) Verbo transitivo *itoaga* ‘chorar (tr.)’

- a. **okwa** **itoaga-t** **on**
Irmão chorar_{tr}-pass 1s
“eu chorei pelo meu irmão”
- b. ***okwa** **mē** **itoaga-t** **on**
irmão possp chorar_{tr}-pass 1s
- c. **dj-ewato** **dj-itoaga**

3s-avô 3s-chorar_{tr}
“o avô dele chorava por ele”

Diferentemente da língua portuguesa, podemos observar que na língua Wayoro o verbo transitivo tem objeto direto localizado antes do verbo. Em português, o objeto direto vem geralmente depois do verbo. Observa-se que no português o objeto direto não necessita do auxílio de preposição. Assim também a presença de posposição em Wayoro entre o objeto direto e o verbo torna a sentença agramatical.

5.4 Verbos bitransitivos

Conforme Nogueira (2011), há dois verbos no corpus que apresentam um argumento direto e outro indireto, o qual ocorre em sintagma posposicional nucleado por *mẽ*. O argumento indireto tem ordem livre na sentença (exceto entre OV) e pode não ser realizado. O tema é o objeto direto e o alvo o objeto indireto.

- (8) Verbo bitransitivo
- a. **ngwaykup uway.tūkwa-p yōa-n te-ndaup mẽ**
homem peixe.pescar-p dar-pass 3-filho poss
“o homem deu uma malhadeira (lit. algo que pesca peixe) para o filho dele”
 - b. **te-ndaup mẽ ngwaykup uway.tūkwa-p yōa-n**
3-filho poss homem malhadeira-p dar-pass
“o homem deu uma malhadeira para o filho dele”
 - c. **õn iko yōa-n**
1s caça dar-n
“eu dei minha caça”

Como observação contrastiva, note que em Wayoro o objeto indireto tem ordem livre na sentença exceto entre o objeto e o verbo. Na língua portuguesa não há essa exceção. O objeto indireto pode transitar livremente pela sentença sem modificar seu sentido. Como mostra o exemplo abaixo:

- (9) O homem deu para seu filho uma malhadeira

Note ainda que, no exemplo (8c), ocorre somente objeto direto, pois em Wayoro o objeto indireto pode não ser realizado, ou seja, não é obrigatório. Em português, o verbo ‘dar’, com sentido

de ‘ceder, entregar, oferecer como presente a’ (HOUAISS, 2009) comporta-se sempre como bitransitivo, exigindo obrigatoriamente o objeto indireto.

- (10) Deu dinheiro a um necessitado (HOUAISS, 2009)
Deu de aniversário ao sobrinho uma gravata (HOUAISS, 2009)

6 ANÁLISE DA TRANSITIVIDADE DE VERBOS DE UMA NARRATIVA WAYORO

Uma vez que a grande quantidade de dados apresentados em Nogueira (2011) são exemplos coletados em trabalho de elição, ou seja, entrevistas em que se realizam perguntas sobre a língua, o presente artigo verificará o comportamento do predicado verbal em sentenças coletadas durante a transcrição de um relato narrado pelo falecido pajé Ngorip Wajuru (Lourenço Wajuru ou Pororoka) sobre a cura do Sr. Terturiano. O texto foi traduzido por Paulina Makurap.

As sentenças abaixo apresentam um comportamento típico quanto ao predicado verbal, especificamente, com relação ao verbo transitivo na língua Wayoro. Vimos que nesta língua o sujeito pode ser realizado por um pronome pessoal, como em (11a). No caso da sentença (11a), o pronome **djat** ‘vocês’ exerce a função do sujeito.

- (11) Wayoro: sujeito do verbo transitivo como pronome e como SN

- a. [...] **Terturiano** **auwa-t** [djat]_{pronome} [...]
T. curar/rezar-pass 2pl
‘[...] vocês rezaram Terturiano’

O objeto direto, por sua vez, pode ser realizado pelos prefixos pessoais, como em (12a), ou por sintagma nominal, como em (12b). Na frase (12a), o prefixo pessoal de 3^a pessoa **dj-** exerce a função de objeto direto. No exemplo (12b) a mesma função é exercida pelo sintagma nominal **kupkuya** ‘raiz’.

- (12) Wayoro: objeto como prefixo pessoal e como SN

- a. **o-kier-emo** prefixo **[dj-]auwa-t**
1s-um-mesmo 3-curar/rezar-pass
‘Eu sozinho rezei ele’
- b. **[Kupkuya]_{SN}** **uraa-r-on** **o-kiet ngut**
raiz chupar.doença-pass-1s 1s-um ?

‘Eu que rezei o veneno naquele tempo’ [Literalmente. ‘Eu sozinho chupei a raiz venenosa naquele tempo’]

Há registros de poucos verbos intransitivos no texto analisado. O verbo intransitivo abaixo ocorre com o prefixo pessoal na função de sujeito, tal como esperado.

(13) Wayoro: sujeito do verbo intransitivo como prefixo pessoal

[...] **pare** [te]-**endiga** **pare** **nē**
bom 3-esfriar bom ?

‘Ele não ia ficar bom’ [Lit. Ele não ia esfriar’]

Há, porém, um caso no texto analisado em que o prefixo pessoal não aparece no verbo intransitivo. É necessário investigar quais condições linguísticas permitem a ausência do prefixo pessoal sujeito dos verbos intransitivos. Trata-se do verbo intransitivo **enunkara** ‘respirar’.

(14) Wayoro: ausência de prefixo pessoal no verbo intransitivo.

a. **enunka-t** **kat** **ndegut** **kawere** **dj-uraa**
respirar-pass ? ? conjunção 3-chupar.doença
‘aí que ele se sentiu bem [Lit. respirou], quando eu chupei’

Necessitamos, ainda, compreender as condições que permitem a ausência de indicação do sujeito do verbo transitivo, como ocorre no exemplo (14), em que não está explícita a 1^a pessoa do singular sujeito do verbo transitivo *uraa* ‘chupar.doença’.

7 CONCLUSÃO

Neste artigo, apresentamos inicialmente, dados sobre a situação de perigo em que se encontram as línguas indígenas brasileiras e que justificam nossa opção de pesquisa nesta área. Em seguida, listamos conceitos do fenômeno selecionado como objeto de investigação, o predicado. Para deixar o assunto mais claro, optamos por uma pesquisa bibliográfica sobre o predicado em português e em Wayoro, realizando uma pequena análise contrastiva entre as duas línguas. Em seguida, avaliamos como o predicado verbal se manifestou em um texto Wayoro. Verificamos que, por um lado, as sentenças da narrativa seguem a estrutura do predicado verbal Wayoro, mas, por outro lado, nos trazem questões ainda a serem respondidas, como é de se esperar em todo e qualquer trabalho investigativo. Futuramente, devemos, ainda, descrever as propriedades do predicado nominal Wayoro.

REFERÊNCIAS

- CRYSTAL, David. **A dictionary of linguistics and phonetics**. USA: Blackwell, 2008. 6 ed.
- CUNHA, Celso. CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**.5 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- DIK, Simon C. **Theory of Functional Grammar**. Berlim: Mouton de Gruyter, 1997. 2 v.
- FRANCHETTO, Bruna. **Línguas Indígenas e comprometimento linguístico no Brasil: Situações, Necessidades e Soluções**. In CADERNOS DE EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA. 3º GRAU INDÍGENA. Barra do Bugres: UNEMAT, 2004.
- HOUAISS eletrônico**. Rio de Janeiro: Objetiva Ltda, 2009.
- INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). 2013. Povos indígenas no Brasil: Wajuru. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/wajuru>>. Acesso em: 29/04/2013.
- MAROTE, D`Olim. **Curso completo: língua portuguesa, matemática, estudos sociais, ciências e programas de saúde**: primeiro grau: livro d professor. 4 ed. São Paulo: Ática, 1995.
- MOORE, Denny; GALUCIO, Ana Vilacy; JÚNIOR, Nilson Gabas. O Desafio de Documentar e Preservar as Línguas Amazônicas. **Scientific American (Brasil)**, São Paulo, n. 3, 2008, p. 36-43.
- NEGRÃO, Esmeralda V.; SCHER, Ana P.; VIOTTI, Evani. Sintaxe: explorando a estrutura da sentença. In: FIORIN, J. (Org.). **Introdução à Linguística**: princípios de análise. São Paulo: Contexto, 2008.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos de português**. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- NOGUEIRA, Antonia Ferreira de Souza. **Wayoro ēmēto**: fonologia segmental e morfossintaxe verbal. 2011. Dissertação (Mestrado) - FFLCH, USP, São Paulo, 2011.
- PERINI, M. **Princípios de análise descritiva**: introdução ao pensamento gramatical. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- SEKI, Lucy. Línguas indígenas do Brasil no limiar do século XXI. **Impulso**, Piracicaba, v. 12, n. 27, 2000, p. 233-256.

GLOSAS: 1s=1^a pessoa do singular; 3=3^a pessoa do singular ou plural; 2s=2^a pessoa do singular; 3s= 3^a pessoa do singular; 2pl= 2^a pessoa do plural; pass=passado; posp=posposição; tr=transitivo.